

VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo
Comida e alimentação na sociedade contemporânea

9,10 e 11 de novembro de 2016

Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

A Influência das Princesas na Construção da Imagem do Feminino: Branca de Neve, Bela Adormecida e Cinderela, suas histórias originais, suas representações nos filmes da Disney e no cinema contemporâneo.

BEZERRA, Maria Geisiane¹

MIRANDA, Ana Paula de²

PEPECE, Olga Maria Coutinho³.

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar a influência que a imagem das princesas dos contos de fadas tem sobre o autoconceito da mulher contemporânea, para isso, foi feita uma análise das personagens Branca de Neve, Bela Adormecida e Cinderela tendo em vista as histórias escritas pelos Irmãos Grimm, os filmes produzidos pela Disney Studios, Branca de Neve e os Sete Anões (1937), Bela Adormecida (1959) e Cinderela (1950), e também suas respectivas releituras, Branca de Neve e o Caçador produzido pela Universal Pictures (2012), Malévola (2014) e Cinderela (2015) produzidos pela Disney Studios, a fim de identificar, se as mulheres dos dias atuais ainda são influenciadas pela imagem tradicional das princesas ou se essa imagem mudou. Os achados mostram que as releituras dos filmes, diferentemente dos originais que mostravam as mulheres frágeis, delicadas, românticas, inocentes, trouxeram mulheres bastante diferentes, uns trouxeram a representação de uma mulher forte, destemida, heroína de si e de todos a sua volta.

Palavras chave: imagem de moda, princesas, consumo.

¹Graduanda em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: mariageisyane@hotmail.com

²Doutora em Administração de Empresas na Faculdade de Economia e Administração (FEA) Universidade de São Paulo (USP), professora do curso de design na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutoranda na COPPEAD-UFRJ. E-mail: anapaula.miranda@ufpe.br.

³Doutora em Administração; pesquisadora em Teorias de Cultura e Consumo e Significados do Consumo; e-mail: opepece@gmail.com.

1 - Introdução

Este estudo apresenta uma análise sobre as princesas de contos de fada: dos contos escritos pelos Irmãos Grimm e das animações de Disney inspiradas nas obras e filmes mais recentes no cinema buscando entender a construção do autoconceito da mulher em relação à imagem da princesa. Analisar a influência que personagens de contos de fadas, como as princesas, têm dentro da sociedade contemporânea, faz com que compreendamos como o público feminino dos dias atuais (re)constrói sua identidade refletindo o espírito do tempo.

2 - Fundamentação Teórica

A sociedade na qual vivemos hoje está cada vez mais moldada pela forma de como as pessoas querem expressar significados através da sua identidade. De acordo com Castell (2000) toda e qualquer identidade é construída, e essa construção deriva da matéria prima fornecida pelos acontecimentos históricos, geográficos, biológicos e pelas memórias que as pessoas guardam de todos esses fenômenos, que interferem no tempo e na sociedade na qual elas vivem.

Ao estarmos sempre em constante construção do nosso autoconceito, estaremos também em processo de compreensão do nosso eu, como nos identificamos e como acreditamos que somos de fato. As pessoas buscam se comportar de acordo com a imagem que elas constroem de si mesmas, que é o *autoconceito real*. Para Solomon (2002) o *autoconceito real* “refere-se a nossa avaliação mais realista das qualidades que temos ou não”, ou seja, é como realmente nós acreditamos que somos e como é a nossa identidade. Ao comprarmos produtos que acreditamos que representam o nosso *autoconceito real*, estaremos, de uma forma direta ou indireta, mostrando aos grupos do qual fazemos parte ou para a sociedade em geral como nós nos vemos e acreditamos que somos.

Solomon (2002) também define o *autoconceito ideal*, que é para o indivíduo, como “a concepção da pessoa sobre como ela gostaria de ser”, ou seja, como a pessoa se idealiza. O autor ainda fala que o autoconceito ideal é parcialmente moldado por elementos da cultura do consumidor, como os heróis nas propagandas, que segundo ele servem como idealização de identidade para o indivíduo.

Dentro da sociedade, estamos acostumados a viver sempre em grupos, e dentro desses grupos é natural sentirmos a necessidade de expressar o nosso eu, dessa forma, surge outro tipo de autoconceito, o *autoconceito social*. Garcia e Miranda (2010) definem o *autoconceito social* como a forma com a qual as pessoas apresentam o seu “eu” para os outros, e é construído a partir da “imagem” que o indivíduo faz de si mesmo diante da percepção dos outros em uma determinada situação. Percepção segundo Karsaklian (2009) significa o processo dinâmico no qual aquele que percebe atribui um significado a um determinado objeto, situação.

Mendes *et al* (2012), fala que o autoconceito de uma pessoa, está ligado diretamente com as suas interações sociais. Dessa forma, as percepções que o sujeito tem de si mesmo são determinadas com a percepção das

relações que os outros têm para com ele, ou seja, o autoconceito social ideal do indivíduo vai se construindo a partir das respostas que ele vai recebendo a respeito do seu comportamento dentro dos grupos nos quais ele vive, ou da forma com a qual ele percebe o grupo e se idealiza fazendo parte dele. Assim, o fator essencial nessa construção de idealização é o meio social, e que é desenvolvido a partir das interações que o indivíduo tem com o seu meio social.

3 - Percurso Metodológico

A partir do método comparativo que, segundo Gil (1999), tem a finalidade de “ressaltar as diferenças e similaridades” entre os objetos estudados, foi feita uma análise comparativa entre os textos originais dos contos e as seguintes versões cinematográficas: a animação da Branca de Neve (1937) produzida pela Disney Studios *versus* o filme A Branca de Neve e o Caçador (2012) produzido pela Universal Pictures; a animação da Cinderela (1950) *versus* a sua mais recente releitura Cinderela, ambas produzidas pela Disney Studios; e a animação da Bela Adormecida (1959) *versus* Malévola (2014) ambos também lançados pela Disney Studios.

O percurso metodológico utilizou da análise de conteúdo de Bardin (2010) para os textos e as entrevistas em profundidade realizadas com consumidoras e do protocolo de análise para imagens em movimento de Bezerra e Miranda (2015) para os filmes. Este protocolo propõe a análise da narrativa do filme utilizando os critérios – forma, cor, material, composição, gestual, plano, movimento - e é desenvolvido em três atos. O primeiro é denominado **denotação** que é a descrição dos significados que estão mais voltados para o figurino do personagem. O segundo ato trabalhado pelos autores é o de **conotação** que refere-se ao nível mais alto de significação, onde compreendemos os simbolismos não só do figurino, mas também do personagem. O último ato refere-se ao **mito**, está direcionado às referências culturais de quem interpreta a cena, cada pessoa tem em si sua carga cultural, que define suas interpretações para os significados que elas dão a cada contexto, no qual elas estão inseridas.

4 - Análise e Discussão

4.1 - Branca de Neve

Na história escrita pelos Irmãos Grimm, Branca de Neve é retratada com uma beleza inestimável e com um coração bondoso, que a todos agradava, percebemos isso nos trechos a seguir:

“Era tão linda e meiga que o caçador, que não era um mau homem, apiedou-se dela [...]”

Dessa forma, o conto passa a mensagem de que a beleza é importante. Branca de Neve era admirada por todos devido a sua beleza e tem até sua vida poupada por causa disso.

Branca de neve e os sete anões (Walt Disney Studios, 1937) *versus* Branca de Neve e o Caçador (Universal Pictures, 2012).

Branca de Neve e os sete anões: Cena 2, final. De 01:20:05 a 01:22:13.

Branca de Neve se encontra adormecida dentro de um esquife de cristal, enquanto os animais e os anões velam seu corpo. Então aparece o príncipe, a beija, e ela acorda. E eles partem juntos para o castelo.



Quadro 1 – Análise Branca de neve e os sete anões

	Denotação	Conotação
Forma	<p>Branca de Neve: vestido simples, acinturado, mangas bufantes, gola alta.</p> <p>Príncipe: camisa de mangas compridas e volumosas, colete, calça justa, capa.</p>	<p>Branca de Neve: romantismo, inocência e simplicidade.</p> <p>Príncipe: elegância.</p>
Cor	<p>Branca de Neve: azul (blusa e mangas do vestido), branco (gola), amarelo (saia do vestido) e vermelho (detalhes na manga).</p> <p>Príncipe: Branco (camisa), cinza (calça), azul (colete) e vermelho (capa).</p>	<p>Branca de Neve: alegria e simpatia.</p> <p>Príncipe: amor, romance e alegria.</p>
Material	<p>Branca de Neve: “cetim”, “algodão”.</p> <p>Príncipe: “lã”, “seda”.</p>	<p>Branca de Neve: delicadeza e simplicidade.</p> <p>Príncipe: força e confiança. Delicadeza e sensibilidade, além de romantismo.</p>

Composição	Branca de Neve: esquife de gelo. Príncipe: sem composição.	Branca de Neve: serenidade, tranquilidade. Príncipe: esperança, admiração / felicidade.
Gestual	Branca de Neve: dormindo. Príncipe: caminhando/cantando.	Branca de Neve: tranquilidade, e ao mesmo tempo tristeza (por ser quase um velório). Príncipe: serenidade, esperança, romance.
Plano	Plano geral, plano conjunto, plano médio.	O plano geral mostra a chegada conotando romance. O plano conjunto e o plano médio, conotam em primeiro momento a esperança e a expectativa de que o beijo acorde Branca de Neve, e em sequência, significam felicidade, na despedida dos personagens com os anões.
Movimentos de câmera.	Zoom, panorâmica horizontal, close.	O zoom e a panorâmica horizontal, simboliza admiração, pois ocorre a medida em que o príncipe vai se aproximando de Branca de Neve. O close conota esperança, e expectativa.
Mitificação		
Dependência. Branca de Neve dependia de um príncipe para lhe acordar e lhe trazer de volta a felicidade, e também para que ela pudesse se tornar rainha ao final do filme.		

Fonte: Autoras do artigo.

Branca de Neve e o Caçador: Cena 2, final. De 02:00:03 a 02:01:35



Branca de Neve é coroada como a verdadeira rainha de seu reino após matar a Rainha Má.

Quadro 2 – Análise Branca de Neve e o Caçador

	Denotação	Conotação
Forma	Branca de Neve: vestido volumoso, acinturado, com mangas bufantes.	Romantismo, simplicidade e humildade.
Cor	Branca de Neve: vermelho (vestido), dourado (bordados).	Vermelho: paixão, amor, mas na cena, ele expressa o significado de poder, e admiração. Dourado: conota luxo, riqueza.
Material	Branca de Neve: veludo, bordados, coroa.	O veludo conota a força, a seriedade. Os bordados, remetem a delicadeza, romantismo. A coroa, poder.
Composição	Branca de Neve: coroa.	Nobreza, admiração, poder.
Gestual	Branca de Neve: Sem muitos movimentos; expressões faciais.	Nervosismo, insegurança, coragem.
Plano	Detalhe, plano geral, plano médio.	Detalhe, mostra a coroa, conota vitória, triunfo. O plano geral, mostra o salão, conotando nervosismo, insegurança da personagem. O plano médio, ao final da cena, conota coragem.
Movimentos de câmera	Close, cortes.	O close mostra a troca de olhares entre Branca de Neve e o caçador, conota confiança, coragem, amizade. Os cortes aparecem entre as expressões da personagens com os outros personagens da cena, conota nervosismo, insegurança, medo.
Mitificação		
A independência. Branca de Neve é coroada sem a presença de um príncipe, ela sobe ao trono sozinha, como recompensa por sua luta pelo reino que lhe era de direito.		

Fonte: Autoras do artigo.

Diferença entre as duas cenas

No filme da Disney (1937), temos um conto típico da era romântica, onde princesas e príncipes esperavam que o seu verdadeiro amor resolvessem todos os problemas. Foi trabalhado neste conto, o *autoconceito ideal*, Branca de Neve passa o filme sonhando com o dia em que o príncipe virá lhe buscar e ela poderá finalmente se tornar rainha, ela idealiza essa posição de poder para que assim ela possa encontrar a “felicidade”. É assim que o título da nobreza é retratado no filme, como sendo sinônimo de felicidade e até

de mudança de vida.

No segundo filme, o da Universal (2012), temos uma Branca de Neve sendo recompensada pelo seu esforço, e essa recompensa é sua coroação. A personagem não precisou de um príncipe para se tornar rainha, porém, teve ajuda de muitas pessoas para chegar até seu trono, mas se comportou sempre como líder das pessoas que a ajudaram. No filme, a personagem tem ações bastante atípicas da personagem do filme da Disney (1937), como, salvar o caçador, coordenar um exército, vestir uma armadura, matar Ravenna, ser coroada sozinha, etc., todas essas ações, eram vistas em personagens masculinos, porém, no filme da Universal, foi a imagem feminina quem se destacou por tais ações. A releitura do filme da Disney, faz referência a uma grande característica da mulher contemporânea, a independência.

Analisamos, aqui, a construção do *autoconceito ideal* e do *autoconceito social*. O *autoconceito ideal* está relacionado com o desejo de Branca de Neve em sair da sua condição submissa a Ravenna e lhe tomar o trono, assim, a jovem poderia ser rainha, e conquistar o reino que lhe era de direito. O *autoconceito social*, se relaciona com a convivência de Branca de Neve com as pessoas ao seu redor, mesmo não tendo uma coroa, todos sabiam que ela era a verdadeira rainha, e ela também fazia questão de tomar essa posição diante das pessoas que a cercavam, liderando-os, como uma rainha de fato.

4.2 - Aurora / Bela Adormecida

Aurora nasceu linda e encheu seus pais de alegria, que fizeram para ela uma grande festa no dia de seu batizado. Para esta festa, o rei quis convidar as treze fadas do reino, para que elas fossem bondosas com a princesa, porém, em sua casa o rei tinha apenas doze pratos de ouro, então ele convidou apenas doze fadas para a festa. E estas desejaram à princesa apenas sentimentos bons:

“[...] quando chegou ao fim, cada uma das fadas ofereceu um presente mágico à criança. Uma deu-lhe virtude; outra beleza; a terceira, riqueza; e assim por diante[...].”

A décima terceira fada se sentindo ofendida lançou um feitiço sobre Aurora uma maldição, que ao completar quinze anos, ela iria se ferir com uma agulha de um tear e morreria, porém a décima segunda fada ainda não tinha dado a princesa nenhum dom ou sentimento ainda, sendo assim, ela reformulou a maldição da décima terceira fada e ao invés de Aurora morrer, ela apenas cairia em um sono profundo que duraria cem anos.

A Bela Adormecida, 1959 (Walt Disney Studios) versus Malévola, 2014 (Walt Disney Studios).

A Bela Adormecida: Cena, Beijo do Amor Verdadeiro. De 01:11:10 a 01:11:43.





Príncipe Philip, após derrotar malévola, sobe até o quarto da torre mais alta do castelo do rei Stefan e lá encontra Aurora dormindo. Ele a beija, e ela acorda de seu sono profundo.

Quadro 3 – Análise A Bela Adormecida

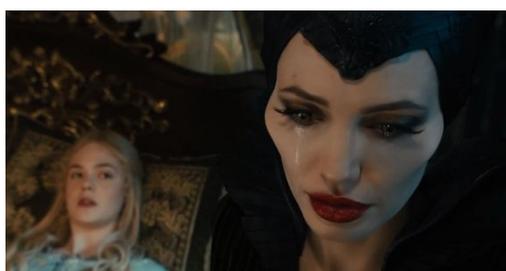
	Denotação	Conotação
Forma	Aurora: Simples, retas, sem volumes, acinturado, com ombros à mostra. Philip: camisa, colete comprido, um pouco acima do joelho. Calça justa, botas, capa.	Aurora: simplicidade e romantismo, com leve sensualidade. Philip: simplicidade e praticidade. A capa, traz a significação de elegância.
Cor	Aurora: azul (vestido), branco (decote do vestido). Philip: marrom (calça e colete), vermelha (capa).	Aurora: tranquilidade. Philip: seriedade, confiança.
Material	Aurora: “cetim.” Philip: “couro”, “lã”.	Aurora: romantismo, delicadeza. Philip: serenidade, força e confiança.
Composição	Aurora: sem composição. Philip: capa.	Aurora: tranquilidade. Philip: proteção.
Gestual	Aurora: deitada. Philip: aproximação.	Aurora: tranquilidade. Philip: esperança.
Plano	Plano Geral, plano médio.	Mostram a aproximação de Philip para perto de Aurora, conotam, expectativa e esperança.

Movimentos de câmera	Zoom, close.	O zoom remete à esperança, e o close ao amor presente no beijo.
Mitificação		
Amor verdadeiro. Aurora dependia do beijo do príncipe, que só tinha visto uma vez, para poder se libertar do seu sono profundo.		

Fonte: Autoras do artigo.

Malévola: Cena 1, beijo do amor verdadeiro. De 01:15:18 a 01:17:35

Segue os frames da cena:



Após o beijo que príncipe Philip, Aurora continuou dormindo. Então, Malévola que estava escondida no quarto da jovem, se aproxima, e demonstra o seu arrependimento ao ter colocado a maldição em Aurora, depois de um tempo, antes de ir embora, ela dá um beijo em Aurora, e ela enfim acorda.

Quadro 4 – Análise Malévola

	Denotação	Conotação
Forma	Aurora: vestido simples, de formas	Aurora: simplicidade, delicadeza, inocência, pureza.

	retas, mangas compridas e marcando um pouco abaixo da cintura. Malévola: vestido não aparente com gola alta, capa, chifres.	Malévola: seriedade.
Cor	Aurora: Azul em tom pastel. Malévola: Preto (todo o figurino).	Aurora: Inocência, delicadeza. Malévola: seriedade.
Material	Aurora: lã, bordados. Malévola: couro, veludo, penas, osso.	Aurora: delicadeza, força, amor. Malévola: seriedade, sinceridade, poder.
Composição	Aurora: sem composição. Malévola: lágrimas.	Aurora: serena, paciente. Malévola: arrependimento, preocupação, tristeza.
Gestual	Aurora: dormindo. Malévola: chorando.	Aurora: atenção, paciência e perdão. Malévola: arrependimento.
Plano	Plano geral; plano conjunto.	O plano geral e o plano com junto mostram a aproximação e a conversação de malévola observando Aurora dormir, o que conota arrependimento, tristeza.
Movimentos de câmera	Close, zoom.	O zoom e o close mostram o rosto de malévola e o de Aurora. Conotam, arrependimento e perdão.
Mitificação		
Amor verdadeiro. A desmitificação do amor à primeira vista e a comprovação de que o amor nasce da convivência. Malévola, conviveu com Aurora desde a sua infância, viveram momentos importantes juntas, o que fortaleceu os laços de amizade entre elas e, essa amizade, ao longo do tempo, passa a ser amor.		

Fonte: Autoras do artigo.

Diferença entre as duas cenas

No primeiro filme, o amor verdadeiro está diretamente ligado ao príncipe Philip que, durante a narrativa, se comporta como um herói, derrota Malévola e se torna digno do amor da princesa por sua coragem. Todos os personagens do filme e não só Aurora, dependem de Philip para “voltarem à vida”, observamos isso pelas cores frias predominantes no começo da cena, que deixam claro o momento de tristeza de todo o reino, ao ver que, Aurora dormiria por cem anos, diferente das cores vivas que mudam as cenas logo após que Aurora acorda depois do beijo de Philip. Temos aqui, a representação do *autoconceito ideal*, Aurora é uma personagem romântica e sonhadora, e idealizava um amor perfeito que lhe traria o tão sonhado *felizes para sempre*.

Bastante controverso ao primeiro filme, no segundo, esse amor verdadeiro é ligado a Malévola, porém, a personagem não acreditava no amor verdadeiro, embora tivesse esperanças de que o beijo do príncipe salvasse Aurora da maldição que ela tinha jogado na jovem, ela sabia que, nem Aurora e nem o príncipe estavam apaixonados um pelo outro, pois eles não se conheciam o suficiente para isso. Assim, a decepção de ver Aurora continuar dormindo após o beijo de Philip lhe partiu o coração, como podemos ver na cena. Dessa forma, ela se aproxima de Aurora na intenção de dizer à garota o quanto ela lhe é especial, e quanta falta ela fará a seus dias, já que as duas conviveram muito tempo juntas durante a narrativa. Ao se desculpar e demonstrar todo seu arrependimento, Malévola mostra ao espectador o seu amor por Aurora, que se formou a partir da convivência entre as personagens.

Aurora viu em Malévola um amor de mãe, e Malévola, embora arrogante, via em Aurora um amor de filha, e cuidava dela como tal. Esse laço se fortaleceu ao ponto de haver um verdadeiro amor entre as duas. Por isso Aurora acorda de seu sono após o beijo de Malévola, porque há um sentimento forte e verdadeiro entre as personagens. A partir disso, notamos aqui a representação do *autoconceito real* para a personagem de Aurora, a personagem é representada como realmente é, uma menina doce e meiga, e seus sentimentos são intensos e verdadeiros assim como ela.

4.3 - Cinderela / Gata Borralheira

Logo de início no conto, podemos perceber um pouco de como será a personagem de Cinderela devido ao que ela ouve da mãe antes dela morrer:

“— *Querida filha, sê sempre boa e piedosa; Assim Deus ajudar-te-á sempre e eu olharei por ti no céu e estarei contigo.*”

Há nesse trecho, um apelo religioso e emocional para que Cinderela atenda o pedido de sua mãe. É imposta à jovem uma condição, pois ela só teria a proteção de Deus e de sua mãe se permanecesse bondosa. Vendo que Cinderela era obediente, já podemos idealizar que ela permaneceu bondosa e piedosa durante o conto.

Cinderela, 1950 (Walt Disney Studios) versus Cinderela, 2015 (Walt Disney Studios).

Cinderela, 1950: Cena 1, sapatinho de cristal. De 01:11:56 a 01:13:11.





O Duque do castelo está prestes a ir embora da casa de cinderela quando a vê descendo as escadas. A Madrasta que a tinha prendido no sótão, faz de tudo para que a jovem não tenha a chance de provar o sapato de cristal, por isso, ela faz com que um criado do castelo que estava com o sapato na mão, o quebre, porém, Cinderela mostra o outro par do sapato quebrado, e assim, prova que era a jovem com quem o príncipe tinha dançado na noite do baile.

Quadro 5 – Análise Cinderela 1950

	Denotação	Conotação
Forma	<p>Cinderela: simples, acinturado, com avental rasgado.</p> <p>Personagens conjuntos: vestidos longos com ancas (mulheres). Fardas (homens).</p>	<p>Cinderela: Humildade, pobreza.</p> <p>Personagens Conjuntos: luxo, riqueza, elegância, seriedade.</p>
Cor	<p>Cinderela: marrom (saia e blusa), branco (aventil) e azul (mangas do vestido).</p> <p>Personagens conjuntos: azul (Duque), vinho (madrasta), roxo e amarelo (irmãs).</p>	<p>Cinderela: simplicidade.</p> <p>Personagens conjuntos: luxo, elegância.</p>
Material	<p>Cinderela: é representada com tecidos mais pobres.</p> <p>Personagens conjuntos: Duque, madrasta, e irmãs .representados com tecidos mais luxuosos.</p>	<p>Cinderela: humildade, pobreza.</p> <p>Personagens conjuntos: riqueza, luxo.</p>
Composição	<p>Cinderela: sapatinho de cristal.</p> <p>Personagens conjuntos: sem composição.</p>	<p>Cinderela: feliz, ansiosa, esperteza.</p> <p>Personagens Conjuntos: egoísmo. / atenção, respeito.</p>

Gestual	Cinderela: correndo, ofegante. Personagens conjuntos: madrasta e filhas expressão fechada, argumentando contra Cinderela. / Duque, ignorando os argumentos da madrasta e filhas.	Cinderela: euforia, nervosismo, esperança. Personagens Conjuntos: irritação. / atenção.
Plano	Médio plano, plano geral, detalhe, plano americano, plano conjunto.	Os planos mostram o desenvolver da “libertação” de Cinderela, ao calçar o sapato, ela se livra da vida triste que ela tinha, e agora parte para uma vida apenas de alegria.
Movimentos de Câmera.	Panorâmica vertical, close.	A panorâmica vertical aparece quando o sapato de cristal se estilhaça no chão e conota tensão. O close, mostra o outro par do sapato que estava com Cinderela, conota esperança e felicidade.
Mitificação		
Superação. Cansada das humilhações da madrasta e das irmãs, cinderela sonhava em mudar de vida, e um pé pequeno e delicado foi seu ponto forte para esse sonho se tornar realidade.		

Fonte: Autoras do artigo.

Cinderela, 2015: Cena, sapatinho de cristal. De 01:33:58 a 01:37:22



Após ser solta do sótão onde sua madrasta havia lhe prendido, Cinderela vai de encontro ao príncipe que a estava esperando em uma sala de sua casa, lá eles conversam, ela se declara para ele, e prova o sapato de cristal. E depois de perdoar sua madrasta e suas irmãs, ela vai embora junto com o príncipe.

Quadro 6 – Análise Cinderela 2015

	Denotação	Conotação
Forma	Cinderela: vestido simples, cintura marcada, mangas longas, saia um pouco volumosa. Príncipe: smoking, colete, calça justa, botas pretas, lenço no pescoço.	Cinderela: romantismo, simplicidade, delicadeza. Príncipe: elegância e luxo.
Cor	Cinderela: azul (todo o vestido). Príncipe: verde (smoking), bege (calça), azul (colete e lenço).	Cinderela: delicadeza, transparência. Príncipe: elegância, confiança.
Material	Cinderela: algodão, tule. Príncipe: veludo, couro, seda, bordados.	Cinderela: romantismo, delicadeza. Príncipe: luxo, elegância, romantismo.
Composição	Cinderela: sem composição. Príncipe: sem composição.	Cinderela: Transparência, sinceridade, romance. Príncipe: atenção, sinceridade, romance.
Gestual	Cinderela: sem muitos movimentos. Príncipe: sem muitos movimentos.	Cinderela: nervosismo. Príncipe: atenção, compreensão.
Plano	Plano americano; plano geral; plano conjunto; médio plano; sequência; detalhe.	O plano americano o plano conjunto e o médio plano, mostram a conversação dos personagens, criam o clima de romance, de sinceridade mútua. A sequência e o detalhe conotam, felicidade, junto com o plano geral que conota perdão no fim da cena.
Movimentos de câmera	Câmera objetiva; câmera subjetiva; zoom; close.	A câmera objetiva, cria o clima de romance na cena junto com a câmera subjetiva. O zoom e o close enfatizam esse clima de romance, criado pelos movimentos anteriores.
Mitificação		
Superação. Cinderela ao mostrar para o príncipe quem ela era de verdade, demonstrou que ser honesta significa ser corajosa e gentil todos os dias de sua vida sendo essa a melhor forma de cumprir a promessa que fez à mãe antes de sua morte.		

Fonte: Autoras do artigo.

Diferença entre as duas cenas

A Cinderela do primeiro filme se mostra ingênua, porém, bem inteligente, embora a madrasta tenha feito de tudo para que ela não provasse o sapato, ela não tinha contado com a esperteza da jovem. Cinderela ao ver o outro par de sapato destruído, não perdeu tempo e nem teve medo ao enfrentar a maldade da madrasta, mostrou que tinha o outro par ao Duque, e assim, pôde ser a noiva prometida ao príncipe. Aqui está representado o *autoconceito ideal*, Cinderela se idealizava casada e feliz com seu amado, e mesmo não tendo certeza de que isso poderia acontecer, garantiu seu futuro idealizado, ao guardar o outro par do sapato consigo, assim, ela teve uma garantia para que seus sonhos pudessem se realizar.

No segundo filme, temos uma Cinderela bem mais independente e sincera, ela não precisou do outro par de sapatos, precisou apenas ser quem ela realmente era. Ainda que assustada, teve a coragem de se declarar para o príncipe e mostrar seu verdadeiro *eu*. Não teve dúvidas de que sua felicidade estava ao lado do príncipe, mas, queria que ele a amasse por quem ela era, a moça simples que estava na frente dele, e não a princesa glamorosa com quem ele tinha dançado na noite do baile, se ele assim não a quisesse, então ela também não o queria. Está representado aqui o *autoconceito real*, Cinderela se mostra totalmente transparente para o príncipe, e não tem receio nenhum ao fazer isso, pelo contrário, se mostra extremamente feliz ao fazê-lo, certa de que a verdade é o caminho mais curto para a felicidade.

5 - Análise das Entrevistas

5.1 - Identificação com as Princesas Clássicas (contos e filmes antigos)

Este tópico é referente à primeira e segunda perguntas. Na primeira pergunta, buscamos entender se as entrevistadas se identificavam com as princesas Branca de Neve, Bela Adormecida ou Cinderela, estudadas aqui. Ao perguntar se elas se identificavam com essas princesas, obtivemos respostas sobre o *autoconceito real* das entrevistadas, que se mostraram identificadas ou não com o universo encantado dessas personagens. Entre as respostas positivas, podemos destacar:

“Sim, com a Cinderela, pois apesar da vida ser difícil, nunca deixei de me cuidar e de continuar a cultivar meus sonhos.” (A1. 23 anos, estudante)

“Sim. Com a cinderela principalmente, pela história de sofrimento e de superação dela.”(D1. 21 anos, nutricionista)

Notamos então, uma aproximação da vida real das entrevistadas com os acontecimentos da vida de Cinderela, ambas, se qualificam na forma como Cinderela superou seu caminho de sofrimento, isso fica claro para nós no trecho *“nunca deixei de me cuidar e de continuar a cultivar meus sonhos”*, assim o autoconceito real das entrevistadas se espelha na personalidade e na história de superação da personagem.

Em outra resposta identificamos a representação do *autoconceito ideal*:

Bela adormecida, por que ela cai em um sono profundo até que um príncipe encantado a desperte com um beijo de amor verdadeiro, qualquer um iria gostar de acordar assim.”(A3.20 anos, estudante)

Aqui vemos uma idealização da entrevistada com a cena do “beijo” da Bela Adormecida, e também com a própria personagem. Ao imaginar a cena, ela se coloca no lugar de Aurora, então seu *autoconceito ideal* se forma a partir do sentimento de admiração que ela expressa ao se idealizar na cena, esse sentimento é enfatizado com o trecho “*qualquer um iria gostar de acordar assim.*”, querendo viver também uma história de romance de um amor verdadeiro.

Entre as respostas negativas, destacamos as seguintes:

“*Não. Essas princesas são constantemente vítimas da situação, se acomodando dentro do círculo de vida “destinado” a elas. Apesar de gostar das personagens, não me vejo agindo da forma que elas se comportam.*”(B. 21 anos, estudante)

“*Não. Elas mostram inocência, frágeis demais. Se deixam ser vítimas, como no caso da Branca de Neve e Cinderela.*”(D3. 23 anos, estudante)

Percebemos aqui, que a divergência principal entre as entrevistadas e as personagens é a personalidade. Ao identificarem que as princesas são personagens frágeis, ingênuas, inocentes, “acomodadas”, elas já não querem ser e nem se veem mais identificadas com elas. O *autoconceito ideal*, neste caso, não se aproxima do conceito de personalidade das princesas clássicas.

Em outras respostas, notamos que as entrevistadas mesmo dizendo que não se identificam com as personagens das princesas, dizem gostar das histórias:

“*Não me identifico. Mas, das histórias a minha preferida é a de Cinderela.*”(D2. 28 anos, designer)

“*Não me identifico com nenhuma. Não vejo aproximação entre elas e eu, mas gosto muito das histórias [...]*”(V. 25 anos, pedagoga)

Dessa forma, não temos identificação direta das entrevistadas com a personalidade das princesas, percebemos, apenas, que elas tem admiração e carinho pelas histórias, o que fica enfatizado com as falas “*minha preferida*” e “*gosto muito*”. Elas se mostram mulheres mais centradas e de personalidade definida, que diferente das entrevistadas anteriores, não se veem agindo como as princesas, porém, não escondem sua admiração por tais histórias.

Na segunda pergunta buscamos perceber como se comporta o autoconceito das entrevistadas em relação às personagens e ao figurino que elas usam nos filmes. Ao perguntar se elas já tiveram roupas que remetessem às princesas ou se gostariam de ter, observamos admiração, nostalgia e a distinção em relação ao figurino das personagens. Entre as respostas de admiração quase todas as entrevistadas disseram que gostariam de ter uma roupa de princesa ou uma que remetesse à estética desses figurinos clássicos, dentro destas respostas, destacamos as seguintes:

“*Nunca tive, mas gostaria de ter um espartilho ou um corpete, por ser uma peça com um simbolismo muito forte de feminilidade e de sensualidade.*”(A1. 23 anos, estudante)

“*Nunca tive, mas tenho vontade, sempre é bom viver novas experiências*”. (A3. 20 anos, estudante)

A primeira entrevistada destaca em sua resposta o uso do espartilho no figurino das princesas que, por sua vez, é um objeto de desejo almejado por ela. A segunda entrevistada, deixa clara a vontade de experimentar

um figurino que remeta a uma princesa. Ambas expressam o seu *autoconceito ideal*, que tem inspiração no figurino das princesas.

Entre as respostas com nostalgia, observamos que as entrevistadas ligam o figurino de princesa à infância:

“Nunca tive, mas quando criança me encantava, hoje não mais.” (A1. 23 anos, estudante)

“Sim. Quando criança para ser daminha em casamentos.” (D2. 28 anos, designer)

A primeira entrevistada fala do encantamento com o figurino das princesas, a segunda expõe seu desejo de ter uma roupa de princesa apenas para uma determinada ocasião. Enquanto uma sonha em ter um figurino que remetesse a esse universo encantado das princesas, a outra já não se sente tão apegada a ele, porém, as duas enfatizam que esse tipo de figurino remete à infantilidade, por isso não se sentem mais à vontade em idealizar tal figurino para si.

Como distinção podemos destacar as seguintes respostas:

“Não, nunca tive e também nunca me interessei.” (J. 29 anos, estudante)

“Nunca tive uma roupa de princesa, mas não tenho vontade de ter. Acho que a fantasia deveria ficar apenas nos contos de fadas. [...]” (V. 25 anos, pedagoga)

As duas entrevistadas relatam que nunca sentiram vontade de ter uma roupa de princesa ou uma roupa que remetesse a elas, o autoconceito das duas, não está ligado à personalidade e nem a admiração por esse tipo de figurino. Sendo assim, o *autoconceito real* das duas é independente da influência das princesas dos contos de fada clássicos.

5.2 A Identificação com as Princesas do Contemporâneo

Este tópico é referente à terceira e quarta pergunta do roteiro de entrevista. Na terceira pergunta, procuramos compreender qual figurino de princesa atrairia mais as entrevistadas, por isso perguntamos se elas prefeririam um vestido de baile (representação das princesas clássicas) ou uma armadura (representação das princesas do contemporâneo). Entre as que escolheram o vestido de baile, podemos destacar:

“Um vestido de baile, pela delicadeza.” (A2. 22 anos, advogada)

“Um vestido de baile, por me identificar com esse estilo, sendo uma peça bastante feminina.” (A1. 23 anos, estudante)

“Vestido de baile. Por que no meu contexto eu não usaria uma armadura para nenhuma ocasião e um vestido sim.” (J. 29 anos, estudante)

Aqui a imagem do vestido aparece por sua reprodução de delicadeza, feminilidade e usabilidade, fazendo com que as entrevistadas tenham uma imagem de que o vestido representa bem mais a mulher do que uma armadura. Isso ocorre porque a imagem da princesa com vestido de baile já é enraizada na mente de todas que já assistiram aos filmes clássicos de contos de fada. Neste caso, é difícil assimilar uma princesa usando uma armadura, pois existem poucas referências para tal. Porém, há mulheres que mesmo tendo essa referência dos vestidos de baile, preferem a armadura, como é o caso destas entrevistadas:

“Armadura por ser uma versão mais adaptada dos tempos atuais.” (A3. 20 anos, estudante)

“Uma armadura, com certeza! Pois quem usa uma armadura não precisa ser salva constantemente, essa pessoa é seu próprio herói.” (B. 21 anos, estudante)

“Uma armadura. A armadura traz proteção, força, remete a uma ideia de bravura e coragem.” (D3. 23 anos, estudante)

A primeira entrevistada escolhe a armadura por idealizar uma princesa mais contemporânea, uma princesa que se autodefende. Em ênfase a este pensamento está a resposta da segunda entrevistada, que espelha na armadura a imagem da princesa heroína, que não espera que o príncipe encantado resolva todos os seus problemas. E a terceira entrevistada, nos mostra a significação que a armadura tem para o seu autoconceito, que é o de proteção, mas não uma proteção vinda de alguém, neste caso, é uma autoproteção. Também temos o significado de força, bravura e coragem. O *autoconceito ideal* destas entrevistadas estão representados em suas respostas, pois não só se identificam com a imagem da princesa de armadura, mas projetam toda a significação que a armadura atribui ao personagem da princesa, em suas identidades.

Na quarta pergunta procuramos compreender como seria de fato o *autoconceito ideal* das entrevistas, caso elas pudessem se tornar princesas, se seriam princesas mais clássicas ou contemporâneas. Dentre as respostas que se aproximaram das princesas mais clássicas, podemos destacar as seguintes:

“Talvez de espartilhos, saias e vestidos longos ou no nível do joelho, joias e penteados.”(A1. 23 anos, estudante)

“Com um vestido grande rodado, e azul marinho.” (K. 20 anos, estudante)

Entre as duas respostas, podemos observar que as entrevistadas descrevem elementos presentes nos figurinos das princesas clássicas, como o espartilho, as saias e os vestidos longos e rodados; a segunda entrevistada pode estar se baseando até no vestido de cinderela que é bastante rodado e azul. Dessa forma, notamos a influência das princesas clássicas no *autoconceito ideal* das entrevistadas que, por terem uma imagem tão forte de tais personagens, mesmo com toda moda contemporânea, ainda se veem com vestidos de contos de fada.

Em meio às respostas das entrevistadas que vestiriam um vestido de princesa, uma resposta específica se sobressaiu:

“Como a Kate Middleton. Acho que “vestido de princesa” só em contos de fadas e ocasiões especiais como um casamento ou festa de 15 anos.” (D2. 28 anos, designer)

Ao responder como se vestiria se fosse princesa, a entrevistada associa sua idealização de personalidade com a Duquesa de Cambridge, Kate Middleton, casada com o príncipe Willian, neto da rainha Elizabeth. Ou seja, ela buscou uma imagem contemporânea para basear a sua construção de autoconceito, porém, mesmo com essa imagem atual, ela ainda cogita a possibilidade de vestir um vestido clássico de princesa, em determinadas ocasiões.

Entre as respostas que escolheram ser apenas contemporâneas, podemos destacar:

“Me vestiria divinamente kkk, com tudo que teria direito, porém, de acordo com o mundo contemporâneo.” (A2. 22 anos, advogada)

“Elegante, mais confortável. Preferiria presar por ambos, conforto e beleza.” (D1. 21 anos, nutricionista)
“[...] se eu fosse uma princesa aqui no Brasil, acho que me vestiria normal, talvez de uma maneira mais formal, mas não com aqueles vestidos rodados com coroa e tal.” (J. 29 anos, estudante)

Estas entrevistadas constroem seu autoconceito na estética do mundo contemporâneo, sem visar os elementos constituintes de um figurino de princesa clássica, como a coroa e os vestidos rodados. Dessa forma, a simplicidade, junto com a elegância, é o que mais é prezado por elas. O conforto também é um elemento fundamental para elas, tendo em vista que os figurinos de princesas quase sempre usam espartilhos, os vestidos são longos, às vezes de tecidos pesados, como o veludo, de forma que não proporcionam nenhum conforto para quem o veste. Por isso elas preferem se ver com roupas mais simples, sem muitos adornos.

6 - Considerações Finais

Os principais achados mostram que os primeiros filmes trouxeram imagens de mulheres frágeis, delicadas, românticas, inocentes. Já as releituras, trouxeram mulheres bastante diferentes, uns trouxeram a representação de uma mulher forte, destemida, heroína de si e de todos a sua volta, como *A Branca de Neve e o Caçador* (2012), outros, ainda investiram na imagem doce e romântica da mulher, porém, com maturidade e independência, como *Aurora em Malévola* (2014) e *Cinderela* (2015). Do mesmo jeito que as princesas dos contos de Grimm definiram valores que moldaram o comportamento das mulheres no passado, é notável as mudanças sobre a visão da sociedade em relação à mulher, tanto que esta mudança refletiu nas releituras desses mesmos filmes do passado. Hoje, eles mostram que a mulher contemporânea não se vê mais como uma personagem frágil e dependente, como foi identificado no discurso das consumidoras quando questionadas sobre a sua dinâmica de consumo e de construção de sua aparência/identidade de moda com o ideal das princesas e que proporciona identificar o autoconceito social ideal (SOLOMON, como maior influenciador do processo. Assim percebemos que essa mesma mulher continua delicada e romântica, mas independente e capaz de lutar por si mesma, o que leva ao novo entendimento do feminino.

REFERÊNCIAS

A BELA ADORMECIDA (*Sleeping Beauty*). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, cor.

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (*Snow White and the Seven Dwarfs*). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70; 2010

BEZERRA, Amílcar Almeida; MIRANDA, Ana Paula de. **Despindo Ana Karenina**. Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatizes.uff.br>>. Acesso em: 03 de jun. de 2015.

BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR (*Snow White and the Huntsman*). Direção: Rupert Sanders. Joe Roth. Produção: Universal Pictures, 2012. 129 min, cor.

CINDERELA (*Cinderella*). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor.

CINDERELA (*Cinderella*). Direção: Kenneth Branagh. Produção: Walt Disney / Buena Vista E. 2015, 105 min, cor.

CASTELL, Manuel. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. **Moda é Comunicação: experiências, memórias e vínculos/Carol Garcia e Ana Paula Miranda**. 2.ed. rev. (reimpr) – São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor/ Eliane Karsaklian**. – 2. Ed. – 4. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

MALÉVOLA (*Maleficent*). Direção: Robert Stromberg; Roteiro: Linda Woolverton e PaulDini. Podução: Wall Disney e Buena VistaEstúdios, 2014. 97 min, cor.

MENDES, Aline Rocha. et. al. **Autoimagem, Autoestima e Autoconceito: Contribuições Pessoais e Profissionais na Adolescência**. 9º Seminário de Pesquisa da Região do Sul, 2012.

SOLOMON, Michael. **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo / Michael R. Solomon; Trad. Lene Belon Ribeiro**. – 5. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2002.